

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade pode ser caracterizada como relação entre textos, diálogo. Quando se diz "texto", entenda-se que se trata de tudo aquilo que pode ser lido, interpretado. Uma imagem, um poema, uma propaganda, tudo isso é texto. Uma piada que é retomada por meio de uma frase em uma conversa entre amigos, um grito de torcida que adapta uma música já existente e outras ocorrências são formas de intertextualidade.

A construção da intelectualidade humana é repleta de diálogos com textos. Essa constatação é vista no poema "Tecendo a manhã", de João Cabral de Melo Neto: "*Um galo sozinho não tece uma manhã:/ Ele precisará sempre de outros galos/ (...) E de outros galos/ que com muitos outros galos se cruzem/ os fios de sol de seus gritos de galo,/ para que a manhã, desde uma teia tênue,/ se vá tecendo, entre todos os galos*". A compreensão desse diálogo entre textos pressupõe um universo cultural amplo e, em certas situações, complexo, visto que implica reconhecimento de obras ou de trechos diversos; ou seja, à medida que se amplia a quantidade de mundo do indivíduo, e, portanto, de suas experiências textuais, maior é a capacidade de leitura e de produção intertextual.

A *paródia* é tipo de intertextualidade. Ela consiste em uma nova interpretação de um texto já existente. Sua proposta é adaptar o original a um novo contexto, valendo-se, em geral, da fama já agregada pelo original, propondo, em muitas ocasiões, tons de riso e deboche. Observe os versos do "Poema de sete faces", de Carlos Drummond de Andrade: "*Quando nasci, um anjo torto/ desses que vivem na sombra/ disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.*". Agora observe o poema "Com licença poética", de Adélia Prado: "*Quando nasci um anjo esbelto,/ desses que tocam trombeta, anunciou:/ vai carregar bandeira.*".

A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, é fonte de diversas paródias. Veja o texto original: "*Minha terra tem palmeiras,/ onde canta o sabiá:/ as aves, que aqui gorjeiam,/ não gojeiam como lá*". Observe, agora, a paródia proposta por Oswald: "*Minha terra tem palmares/ onde gorjeia o mar/ Os passarinhos daqui/ Não cantam como os de lá*". O texto-base é da primeira fase romântica, na qual o autor tem importância única, por fundar e consolidar a poesia romântica na literatura nacional, além de ser um dos precursores de um projeto de construção da cultura, nacionalmente, brasileira. É, na primeira fase do

Romantismo, que o clamor nacionalista permite à poesia criar mitos e heróis com roupagens brasileiras – por isso, que os índios são um dos elementos mais importantes dessa fase. O texto de Oswald, poeta modernista, por outro lado, quebra com as referências idealistas do poema romântico, mostrando que, nessa terra na qual “em se plantando tudo dá”, há também palmares, referência ao Quilombo dos Palmares. Nessa terra em que o índio vira herói, o negro é apagado da literatura, relegado ao status de “peça”.

Outros tipos de intertextualidade são a *epígrafe* e a *citação*. A primeira é uma frase ou uma menção curta, disponível no início dos livros, dos capítulos, dos poemas, entre outros textos. Uma conhecida epígrafe é a da obra “Viva o Povo Brasileiro”, de João Ubaldo Ribeiro: “*O segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias*”. É um pequeno texto que dialoga com o livro, tendo por objetivo preparar o leitor para o tema que será abordado. Já a citação é a transcrição de um texto alheio. No capítulo 4, do evangelho de Lucas, Jesus Cristo toma em suas mãos um livro e cita as palavras do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os humildes de coração, a pregar liberdade aos escravos, e restauração da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, e a anunciar o ano aceitável do Senhor”.

Outra forma de intertextualidade é a *paráfrase*. Esse modo de diálogo textual realiza-se quando um texto é transcrito de uma forma diversa, mas mantendo a idéia original. Resumos de obras literárias, o ato de recontar histórias ou adaptar textos são exemplos de paráfrase. E isso cabe, por exemplo, a filmes que são adaptações de livros. Na música “Monte Castelo”, da banda Legião Urbana, há uma paráfrase do capítulo 13 da 1.^a Epístola aos Coríntios no trecho: “*Ainda que eu falasse/ A língua dos homens/ E falasse a língua dos anjos/ Sem amor, eu nada seria .../ É só o amor, é só o amor/ Que conhece o que é verdade/ O amor é bom, não quer o mal/ Não sente inveja/ Ou se envaidece*”.

Ainda podem ser citados como casos de intertextualidade, o *pastiche* e a *tradução*. O primeiro é uma imitação do estilo de outros artistas. Silviano Santiago, no livro “Em Liberdade”, fantasia a saída de Graciliano Ramos da prisão. O livro é um diário com anotações sobre momentos após a liberdade de Graciliano, preso pelo regime varguista. Silviano faz um pastiche, com o intuito de criar a impressão de que o

livro foi escrito pelo próprio Graciliano. Já a tradução consiste na transferência de um texto de uma língua para outra. Mas uma expressão italiana exprime o que é esse processo: *traduttore, traditore* – ou seja, tradução, traição. Muitas vezes, há elementos em um texto que impedem que sua tradução seja fiel ao original. O que seria traduzir um livro do moçambicano Mia Couto para o inglês, por exemplo? Veja um trecho de “O último voo do flamingo”: “*E foi o inteiro dia, uma roda curiosa, cozinhando rumores. Vocabuliam-se dúvidas, instantaneavam-se ordens: [...]*”. *Vocabuliam*? *instantaneavam*? Como traduzir para uma outra língua e manter esse jogo criado pelo autor africano? Cada língua é uma representação da cultura de um povo, um retrato de uma época, de uma nação. E cada texto é um mundo, que pode se relacionar com outros mundos, confrontando, integrando, construindo uma nova visão, uma nova leitura.

Alex Pitta